

20. O sacrifício de comunhão

Santo Agostinho, em seu imenso tratado *A Cidade de Deus*, diz algo que talvez São Bento possa ter repensado ao redigir sua Regra: "Este é o sacrifício dos cristãos: mesmo sendo muitos, são um só corpo em Cristo" (*De Civitate Dei*, 10.6; cf. 1 Cor 10,17).

A unidade dos discípulos no único Corpo místico é a graça que nos é dada na morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo, através dos sacramentos, sobretudo o Batismo e a Eucaristia. É uma graça, mas requer uma abertura e uma conversão de nossa parte e, portanto, um sacrifício, como escreve Santo Agostinho. A Regra nos guia a corresponder cada vez mais ao sacrifício de Cristo na cruz, com nossa conversão à unidade de seu Corpo. Portanto, é importante ser conscientes de como São Bento nos educa a viver este "sacrifício de comunhão", para retomar uma bela expressão do Antigo Testamento (cf. Levítico 3), que para nós é um deixar que nossa vida seja consumida cada vez mais pelo fogo da caridade, que é um fogo que, como na sarça ardente de Moisés, não destrói aquilo que queima, mas o torna sempre mais sagrado. A etimologia de "sacrificar" é *sacrum facere*: tornar sagrado, isto é, divino. O homem que se sacrifica com Cristo na caridade, em vez de perder a sua vida, a encontra eterna, assimilada a vida de Deus.

Então perguntemo-nos: como nos converte a unidade e comunhão, o caminho proposto por São Bento, atualizando, evidentemente, para nós o método de toda a Igreja?

Não acredito de exaurir o tema, mas pelo menos vamos tocar em alguns aspectos.

Qual é o primeiro sacrifício que São Bento nos ensina em favor da unidade do Corpo de Cristo que é a comunidade? Acredito seja o sacrifício da própria vontade, de conceber a nossa liberdade como um cão selvagem que é feliz só porque é autônomo, faz o que quer, obedece aos seus instintos e nunca pensa nos outros.

Basta citar a descrição ácida que a Regra faz dos monges sarabaítas: "Sem pastor, não nos apriscos do Senhor, mas nos seus próprios, não conhecem outra lei que a própria vontade, visto que tudo o que julgam dever fazer ou preferem, chamam de santo, e o que não desejam reputam ilícito." (RB 1,8-9).

Cada um de nós tem em si traços, mais ou menos marcados, desta tendência, pois podemos dizer que nos foi transmitida diretamente com o pecado original. Esta é em nós uma rebelião estrutural, em ser definidos por outro e pelos outros do que por nós mesmos, como se ser definido por um outro, ser criados, desejados e amados por Deus e, portanto, ser dependentes Dele, não fosse em nós mais original que o pecado de Adão e Eva.

É evidente que esta tendência é a que mais dificulta a vida de comunhão com os outros, a unidade fraterna em comunidade.

São Bento, então, entende, junto com toda a tradição monástica, que o trabalho fundamental da conversão é o da nossa liberdade, da nossa vontade, porque aceita pertencer, depender, seguir. É a ascese da obediência que São Bento pede desde o início do Prólogo, e depois por toda a Regra, em mil facetas (cf. RB Pról. 2). Mas, desde o início da Regra, São Bento mostra a face positiva da obediência, a verdadeira face

da obediência, que é ouvir um Mestre que nos diz a verdade e um Pai bom (*pius pater*) que deseja nos comunicar seu amor (cf. Pról. 1-2).

Ao longo da Regra, este ouvir deverá declinar-se no ouvir o Abade, no ouvir-se entre irmãos etc., mas, ultimamente, é sempre a Palavra de Deus, o Verbo do Pai, Jesus Cristo, que somos educados a ouvir.

E nada conduz à unidade fraterna mais do que este ouvir, porque é um ouvir que nos educa a reconhecer em tudo e em todos a voz do Esposo que nos chama a estarmos unidos a Ele e Nele. Cristo é a voz do Pai que chama todos a serem seus filhos e, portanto, irmãos e irmãs em Cristo.

Noto muito que as comunidades onde não se educa na obediência à escuta e, portanto, ao silêncio, têm dificuldades a serem realmente fraternas, a serem realmente unidas. Porque onde não se ouve a Palavra de Deus, domina o barulho das fofocas, conversas, críticas, mentiras, murmurações, tão odiados por São Bento; e então, adeus unidade!

Na *Imitação de Cristo*, há uma frase que expressa perfeitamente a potência unificante do Verbo de Deus, da qual tudo vem e tudo recebe consistência: "*Ex uno Verbo omnia et unum loquuntur omnia, et hoc est Principium quod et loquitur nobis* – De uma única Palavra provem todas as coisas, e todas as coisas proclamam esta única Palavra, que é o Princípio que falou também em nós" (*De Imitatione Christi*, Lib. I, 3,2).

A unidade que cria a obediência não é tanto que se todos cumprem seu dever, toda a comunidade funciona bem, porque esta ainda seria uma unidade feita por nós, que depende de nós e, portanto, permanece frágil: basta que um deixe de obedecer, querer ou poder cumprir seu dever, que todo o "mecanismo" da vida comunitária deixa de funcionar e se torna caótico. Esta seria a unidade de um estado totalitário, ou de uma comunidade sectária, não uma unidade de comunhão, uma unidade eclesial.

A unidade criada por uma obediência livre que ouve o Verbo de Deus é, ao invés, uma comunhão que se edifica constantemente, que constantemente cresce e se reforma, porque é nutrida pelo Verbo eterno de Deus, que não fala apenas no começo mas eternamente, e falando cria aquilo que ouvimos Dele juntos e com o coração. É uma obediência com os ouvidos do coração abertos, que permanece em escuta e, portanto, no exercício da liberdade que a cada passo é chamada por Cristo a dizer sim, a decidir segui-lo.

São Bento nos ensina a ouvir sempre Cristo, Palavra do Pai, no seu chamar polifônico. Porque a Regra nos diz que Jesus nos interpela no abade, na Sagrada Escritura, nos irmãos ou irmãs, na Liturgia, nas circunstâncias, mas também no pobre que bate na porta, assim como no enfermo, e também no irmão que errou. Por isso o silêncio monástico é uma dimensão constante da vida da comunidade, a ser exercitado mesmo quando falamos, porque Cristo nos fala continuamente, em todos e através de tudo. Ouvir esta polifonia faz entrar e viver na sinfonia de comunhão do Corpo de Cristo.